

O ENSINO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO COMO SUPORTE PARA A FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E FILOSÓFICA SOBRE O PAPEL DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS PEDAGOGOS ENTRE 1988 A 1998*

Armando Quillici Neto**

Resumo: O presente trabalho resulta de uma pesquisa realizada com programas de ensino de filosofia da educação dos Cursos de Pedagogia do Estado de São Paulo. Foram catalogados cento e setenta e dois programas de filosofia da educação que corresponderam a doze cursos de Pedagogia e um curso virtual de filosofia da educação.

O período delimitado para o estudo foi entre os anos de 1988 a 1998. Trata de um período histórico em que grandes transformações aconteceram. No texto, apontamos as contradições existentes no interior dos programas de ensino de filosofia da educação e as incoerências na relação entre os objetivos e os conteúdos.

Palavras-chave: filosofia, educação, concepções

Introdução

Este trabalho tem como objetivo elucidar a prática do ensino de Filosofia da Educação nas faculdades de Pedagogia de São Paulo. Num primeiro momento, a preocupação principal era a de conhecer o que estava sendo ensinado nos cursos de graduação em Pedagogia, a partir dos objetivos e dos conteúdos¹ contidos nos programas desta disciplina e, também, descobrir quais matrizes teóricas e metodológicas norteavam a prática do ensino de Filosofia da Educação no Brasil.

Os programas de disciplinas de Filosofia da Educação foram o objeto de análise deste trabalho. Através deles, foi possível descobrir quais eram os materiais pedagógicos e bibliográficos mais utilizados, as temáticas que foram trabalhadas e os objetivos que fundamentaram o ensino.

Quanto ao levantamento dos programas de ensino da disciplina, contatamos por correspondência cento e três (103) faculdades de Pedagogia do estado de São Paulo, referentes ao período de 1988 a 1998. Percebemos, neste momento, a falta de interesse das instituições de ensino em colaborar com a pesquisa. Das faculdades contatadas, recebemos o material solicitado de apenas dez.

Apesar da importância do material comparado ao período histórico, inicialmente proposto, foi insuficiente por não contemplar a maior parte das instituições de ensino superior do estado. Fato este que levou-nos a mais de uma tentativa para conseguir o material para a pesquisa. Foi necessário ir pessoalmente às instituições e coletar dados em mais duas faculdades de Pedagogia, o que resultou no estudo de doze (12) faculdades e de um (1) curso virtual de Filosofia da Educação, totalizando cento e setenta e dois (172) programas de ensino.

O material coletado correspondeu a três universidades públicas, uma confessional e o restante, instituições particulares e isoladas do interior e da capital de São Paulo.

Há posicionamentos nesta área que insistem em dizer que os programas de disciplinas não revelam a verdade do que está sendo ensinado em Filosofia da Educação ou de qualquer outra matéria. A pesquisa não partiu de nenhum pressuposto obrigatório a esse respeito. Se o professor elabora o seu programa apenas para responder à

burocracia e não o explicita na prática, isso não foi o mais importante, uma vez que esse não foi o objeto da pesquisa. A preocupação era analisar a Filosofia da Educação presente nos programas e não discutir se o professor foi ou não fiel em sua prática. A pesquisa entendeu, ainda, que os programas de disciplinas constituem um material significativo em poder das escolas e revelam muito de sua estrutura, de seu funcionamento e das concepções de Filosofia da Educação. Esse levantamento empírico sobre os programas da disciplina foi delimitado a um período de dez anos, de 1988 a 1998.

O final da década de oitenta representava, no cenário internacional e nacional, um período de transformações históricas no campo da economia, da política e da ideologia. A queda do comunismo e a crise dos países socialistas articulavam-se à ascensão de um capitalismo fundado nas teorias neoliberais. No campo nacional, em 1988, vivia-se um momento de grandes transformações, tanto no aspecto político como ideológico. O país saía do autoritarismo, a sociedade tentava reestruturar-se dentro de uma visão não mais amparada pelo regime militar. Como exemplo temos, o debate em torno da Constituinte e o preparo para as eleições diretas de 1989. Nesse cenário, foi possível, ainda, a rearticulação da própria educação. No ensino de primeiro e de segundo grau, ocorreram mudanças metodológicas e abertura para a implantação do ensino de Filosofia no segundo grau, além de mudanças da legislação educacional, entre outras.

Identificou-se, através das análises dos programas de ensino de Filosofia da Educação, os indícios das mudanças político-sociais da época e como elas influenciaram no ensino da disciplina dos cursos de formação de professores, principalmente em pedagogia.

No levantamento empírico dos programas de ensino, foram considerados aspectos quantitativos, o número de planos que tivemos para trabalhar, o levantamento bibliográfico, os tópicos que mais aparecem e, também, os aspectos qualitativos com que se pretendeu compreender quais concepções filosóficas norteavam a formação do pedagogo no estado de São Paulo. Qual a sua visão de homem/mundo? O que se encontrava nos programas de ensino de Filosofia da Educação? Quais as suas expectativas quanto a um projeto de educação? Quais

valores fundamentaram as propostas? Quais correntes filosóficas mais apareceram nas instituições pesquisadas em Filosofia da Educação?

Esta pesquisa surgiu das angústias que tínhamos como professores de Filosofia da Educação nas faculdades de pedagogia, principalmente em cursos noturnos. As questões colocadas acima sempre nos acompanharam e foram norteadoras na construção deste trabalho. Neste artigo, colocamos a análise dos objetivos e dos conteúdos coletados em nossa pesquisa.

Objetivos dos programas de Filosofia da Educação²

O levantamento empírico da pesquisa demonstrou, em primeiro lugar, uma desarticulação do ensino de Filosofia da Educação quanto aos objetivos. Constatamos, através das palavras e nas entrelinhas, as mais diversas reflexões teóricas ou matizes que fundamentam a formação do pedagogo.

Para a maioria dos professores da disciplina, por estar inserida num contexto curricular muito diversificado, que é o curso de Pedagogia, no qual a Filosofia se confunde com as outras ciências da educação, a reflexão filosófica fica sacrificada diante das *verdades* da Sociologia, da Psicologia, da História, da Metodologia ou até mesmo da Didática.

A Filosofia da Educação privilegia um conteúdo introdutório, tanto nas grandes universidades como nas mais isoladas, a ponto de, nos próprios objetivos das disciplinas, encontrarmos justificativas apontando para esta reflexão. O caráter de introdutória aparece, muitas vezes, como uma retomada dos gregos para explicar o significado da Filosofia. *Origem da Filosofia e seu significado. O significado do filosofar. Passagem do Mito à Razão.*

A leitura dos programas de Filosofia da Educação suscitou um questionamento: será que o ensino da Filosofia na formação do pedagogo enfrenta uma crise na sua identidade e no seu projeto? Há espaço, na educação atual, para uma verdadeira análise filosófica? A pesquisa mostrou que, atualmente, vive-se, por um lado, a era das verdades científicas, por outro, a busca do inexplicável, do misterioso, dos mitos da atualidade, dos fenômenos religiosos de massa e da busca de

explicação para os acontecimentos. Há um comprometimento do espaço educacional com a reflexão filosófica.

Muitos educadores apontam para a necessidade do estudo da Filosofia na Educação. No entanto, da pesquisa, não se pode afirmar com certeza se eles defendem uma Filosofia que questiona sua prática pedagógica. Pode-se questionar, no entanto, uma vez que é importante para os professores, qual Filosofia os educadores querem.

A Filosofia da Educação vive um momento de delicada relação com o ensino. As ciências, tais como a Psicologia, a Sociologia, a Didática, a Metodologia e as demais vertentes atuais da educação estão mais preocupadas em buscar respostas imediatas para os problemas do cotidiano escolar, das drogas, do sexo, da aids, da violência, das situações-problema ligadas à cotidianidade, e não uma reflexão aprofundada a respeito dos significados dos acontecimentos sociais, políticos, econômicos, etc.

A idéia de crise da Filosofia da Educação aparece quando os professores querem defini-la; a cada defesa proposta surge uma hipótese distinta das outras. Afinal, o estudo da disciplina exige um constante retorno aos gregos, à própria História da Filosofia e o questionar sobre o *ser*, a existência da Filosofia para nossa época. Buscar nas raízes da cultura ocidental o próprio filosofar. *O que é a Filosofia? O que é a educação? O que é a Filosofia da Educação? Qual o seu sentido?* No entanto, toda vez que há pretensão de definir a Filosofia, corre-se o risco de cair no seu próprio abismo, ou seja, não se pode pensar a Filosofia sem pensar nas suas tendências, nas suas concepções ou nos seus fundamentos.

Nas universidades, principalmente nas públicas, onde aparecem com mais frequência e rigor as linhas de pesquisa em cursos de pós-graduação, os objetivos do ensino de Filosofia da Educação da em Pedagogia reproduzem as preocupações dos professores ou dos departamentos. Os programas, geralmente, estão centrados em uma linha de pensamento já dirigida para a temática de pesquisa do próprio professor. Surgem, muitas vezes, questões que são a base do trabalho proposto, tais como, a superação do dogmatismo, a busca de novos paradigmas e a formação do homem para o mundo.

Uma corrente de pensamento que parece ter influenciado significativamente a disciplina de Filosofia da Educação foi a fenomenologia. Embora isso não aconteça na maioria das escolas, o

professor demonstra sua preocupação quando aponta nos objetivos suas principais interpelações, *compreender o sentido e o valor da educação (...), da prática educativa, como um processo evidentemente humano. (...) a compreensão é a maneira que nos aproxima da educação.*

Uma proposta da Filosofia da Educação tenta superar Marx através do estudo da obra *A Condição Humana*, de Hanna Arendt. Ela utiliza Kant como argumento para justificar a superação de Marx.

Dois programas apontam para o estudo da Epistemologia, questões relacionadas ao conhecimento, suas origens, sua natureza, seu valor. Alguns questionam o próprio estatuto das *ciências educacionais frente à Filosofia: quais as bases epistemológicas das ciências da educação?* Segundo outro programa, *as questões epistemológicas estão proximamente relacionadas às questões antropológicas e filosóficas. Questões sobre o homem, o sujeito do conhecimento e da educação.* Para isso, propõe compreender o fenômeno educacional na sua prática. A experiência humana em sua totalidade. Mais uma vez, surge o referencial fenomenológico para o ensino da Filosofia da Educação.

Outro dado que aparece com muita frequência nos programas dos cursos é que o papel da Filosofia, na Pedagogia, será o de elucidar a problemática educacional. Um professor ressalta *que não há a Filosofia, mas tendências e correntes filosóficas, cada qual com sua abordagem particular.* É o que ele chama de polissemia no sentido da interpretação. Este professor propõe a análise do essencialismo, do existencialismo e da dialética materialista, tendo como base o livro *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas* de Bogdan Suchodolski.

Na apresentação dos objetivos, aparecem questões sobre os paradigmas da Filosofia. Identifica-se um clima de *paradigma perdido* ou de perda dos referenciais teóricos de ordem racionalista. *A ferida da racionalidade está de novo aberta e estamos como que diante de um sentimento de confusão generalizada, causado pela perda de balizas, de orientação, etc.* O professor propõe que, *neste final de século XX, já não cabem reflexões fechadas no âmbito de uma única corrente de pensamento*, busca compreender a dinâmica do modo humano de viver, isto é, da cultura.

Em alguns programas, percebeu-se que houve uma preocupação em partir da prática da educação ou do fenômeno educacional para se realizar uma análise filosófica: a Filosofia da Educação como análise da educação.

Nas faculdades isoladas, o caráter da pesquisa geralmente não apareceu, os objetivos dos programas eram muito amplos e diversificados. Referiu-se muito ao desenvolvimento do senso crítico, na insistência em *superar a ingenuidade do comum e preparar o aluno para ver o mundo com olhos críticos*.

Nesse momento, coube uma reflexão: há que se questionar o fundamento desse olhar crítico; qual seria a visão proposta pelos professores de Filosofia da Educação, já que muitas vezes o conteúdo proposto não levava a nenhuma das idéias pretendidas, parecia mais um *chavão*. Também há confusões conceituais e incoerências na relação entre objetivo, conteúdo e bibliografia proposta.

A pesquisa encontrou, ainda, como propósito para a educação, uma concepção fundada nas propostas *progressistas*, a idéia da análise *radical, rigorosa e de conjunto* apresentada no livro *Educação: do senso comum à consciência filosófica*, de Dermeval Saviani.

Para uma parte significativa de professores, de acordo com a pesquisa, a Filosofia é encarada de forma muito abrangente, sem considerar as questões particulares de cada concepção, tanto históricas como das correntes e tendências. Observe-se o exemplo a seguir: *Através do saber filosófico, levar o aluno a refletir sobre os dados do processo educacional*. Neste caso, cabe questionar de qual saber filosófico o professor está falando: metafísico, idealismo, positivismo ou marxismo? Parecia haver uma ausência de clareza ao querer delimitar uma ação da Filosofia sem situar a partir de qual concepção está argumentando.

A característica, que acima apontamos, encaminha-nos para uma outra hipótese: a de que parte significativa dos professores de Filosofia da Educação não assume com clareza uma vertente filosófica. Há um certo cuidado em revelar a opção teórica que orienta o trabalho em sala de aula. O que ainda temos que discutir é se ela faz parte de uma intencionalidade ou se há ingenuidade por parte do professor, por não conhecer profundamente todas as concepções filosóficas. Assim,

a Filosofia é uma disciplina que acaba tendo um amontoado de conteúdos sem significado para a sociedade ou para a educação.

Conteúdos dos programas de Filosofia da Educação

Em um grupo de quatro programas, buscamos nos conteúdos uma especificação do sentido da pedagogia, tentando defini-la, antes da Filosofia, como objeto do curso. Seguiu o seguinte raciocínio: *O que é pedagogia? Qual o sentido da pedagogia? Pedagogia: reprodução ou transformação? O sentido da pedagogia e o papel do pedagogo. Os sujeitos da práxis pedagógica. O educador e o educando.*

A Filosofia apareceu em seguida com os seguintes termos: *Conceituação, pressupostos e principais correntes filosóficas.* Num terceiro momento, há uma relação entre Filosofia e Educação, *A Filosofia na formação do educador, a filosofia no cotidiano escolar e do senso comum à consciência filosófica.* A bibliografia que sustentou esta construção foi *Pedagogia: reprodução ou transformação*, de Lauro de Oliveira Lima e *Educação: do senso comum à consciência filosófica*, de Dermeval Saviani. Aparecem, ainda, manuais de filosofia, como: *Filosofando: Introdução à filosofia*, Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, *Primeira Filosofia*, de Marilena Chauí e outros. O mesmo professor que apresentou como bibliografia básica os textos acima indicados sugeriu ainda Rubem Alves, *O Mundo de Sofia*, Paulo Freire e outros.

Notou-se que a disciplina de Filosofia da Educação aparece novamente como algo introdutório; não há uma produção/reflexão filosófica por parte do aluno; apenas um levantamento de conceitos básicos; o aluno deveria saber o que é a Filosofia. Esta é vista como objeto de estudo, não como uma produção teórica sobre a prática da educação. Na lista bibliográfica, percebeu-se uma variedade de concepções. Não havia coerência sobre uma concepção de educação, revelando aquilo que alguns estudiosos já anunciaram sobre a concepção da educação brasileira.

O estudo da ideologia apareceu em alguns programas, pouco explícitos, mas havia uma preocupação do professor em discutir a

relação entre classes sociais. Três programas tinham como apoio a leitura de Louis Althusser, *Ideologia, Aparelhos Ideológicos de Estado*. A análise da ideologia servia de apoio para estudar o problema da educação e da cultura.

Notamos que houve um número considerável de programas com a preocupação de demonstrar a História da Filosofia. Em outros momentos, apareceram eixos temáticos ou o estudo de apenas um período da história, como, por exemplo, o moderno ou contemporâneo: 1- *Educação, Ideologia e Cultura*; 2- *O Marxismo e suas conseqüências educacionais*; 3- *O existencialismo e Jean Paul Sartre*; 4- *O Pragmatismo e J. Dewey*; 5- *O Estruturalismo e o Funcionalismo na Educação*; 6- *A Fenomenologia*; 7- *O Neomarxismo: o grupo de Frankfurt. Adorno e sua dialética*.

Uma faculdade apresentou programas de uma mesma professora de 1988 a 1998, sendo que o programa de ensino de 1988 a 1991 foi o mesmo, sofrendo alterações a partir de 1992.

O uso de manuais de Filosofia e Filosofia da Educação apareceu com muita freqüência nas propostas dos professores. Isso justifica, mais uma vez, a tentativa de realizar um curso introdutório, levar o aluno a compreender as questões filosóficas com um material menos carregado de teoria ou reflexão. O uso de manuais no ensino superior se justifica apenas como norteador de temas. Porém, o professor não deve ficar preso a eles sem buscar a leitura original dos autores e assuntos estudados.

Uma proposta de ensino inicia com os gregos e termina com a educação medieval. O estudo da teoria do conhecimento aparece em dois programas. O primeiro descreve os tipos de conhecimento: comum, teológico, filosófico, científico; o outro eleva a questão dos valores, tais como: valores e educação; ética e educação; e estética e educação.

O estudo da metafísica foi apresentado por uma professora em cinco programas. Já as teorias educacionais contemporâneas, como Personalismo, Progressismo, Essencialismo e Construtivismo, fizeram parte da preocupação de 4 programas.

O Existencialismo, fundado no pensamento de Jean Paul Sartre, foi tema de 4 programas. Já o estudo da lógica e análise, tendo como temas a lógica da investigação e a do ensino, aparecem em 05 programas. Quatro deles trabalham com a definição histórica da

Filosofia da Educação, porém utilizando-se das concepções clássicas, modernas e contemporâneas.

Sobre os mecanismos controladores e as relações capitalistas do processo escolar, encontramos 12 programas: - *O que é doutrinar*; - *Propaganda e questionamento*; - *Doutrinação e ensino*; - *Escola e ideologia*. As definições de tendências pedagógicas centradas em apenas dois eixos, liberal e progressista, estiveram presentes em um programa.

Encontramos uma certa variabilidade ao se tratar de questões ideológicas da escola; 2 programas de ensino trabalharam temas voltados à problemática da escola, incluindo o eixo e a ideologia. Ainda nessa direção, apareceram 13 programas que seguiram suas reflexões acerca da *escola pública, do ensino noturno, da desigualdade social e acesso à escola*. Na pesquisa, 4 programas ainda refletiram sobre os seguintes temas: *A pré-escola e os pré-excluídos*; - *A escola dos carentes*; - *O trabalhador estudante*; - *O Ensino rural*; - *Escola e participação popular*; - *Problemas de educação escolar brasileira*.

A definição de Filosofia da Educação apareceu em 8 programas, fundamentada no livro "*Filosofia da Educação Brasileira*", de Durmeval Trigueiro Mendes e Dermeval Saviani. Os temas encontrados são os seguintes: - *Definição de Filosofia da Educação*; - *Processo político da educação*; - *Linha de homogeneidade na educação brasileira*; - *Totalidade e totalitarismo na educação e na cultura*.

A idéia de Filosofia e Filosofia da Educação, como uma tentativa de retomar a origem clássica do pensamento ocidental dos gregos, estivera presente em 6 programas.

Inserida em outras temáticas, a tentativa de explicitar a problemática da educação, da sociedade e da escola como locais de concepções, tais como: *Redenção, Reprodução e Transformação* estão presentes em 3 programas.

As tendências Pedagógicas: - Tradicional; - Liberal; - Liberal renovadora progressista; - Liberal renovadora não-diretiva; - Liberal tecnicista; - Progressista; - Libertadora; - Libertária; e - Crítico-social dos conteúdos, aparecem em 9 programas.

Sobre os objetivos da escola e da educação, encontramos 5 programas, com o título *A escola que queremos*: - *Instância onde a*

pedagogia se faz prática docente; - *A escola como instância mediadora da Pedagogia*. O cotidiano escolar foi o tema de 04 programas, tendo como subitens o *senso comum e o senso comum pedagógico*. *Escola e participação popular* apareceu em 03 programas e *A natureza do trabalho pedagógico* em 4 programas.

Tendências e correntes da educação brasileira, fundadas na análise de Dermeval Saviani, foram encontradas em 04 programas: - *Concepção humanista tradicional*; - *Concepção humanista moderna*; - *Concepção analítica*; - *Concepção dialética*. A pedagogia histórico-crítica no quadro das tendências críticas da educação brasileira, em 01 programa.

Encontramos um curso de Pós-Graduação - especialização em Filosofia da Educação - disponível na internet e que fundamenta a concepção do pragmatismo da Filosofia.

Conclusão

A Pesquisa constatou que não há uma corrente de Filosofia da Educação propriamente dita no Brasil. A prática do ensino de Filosofia da Educação, nos cursos de pedagogia, está amparada em várias concepções. Um mesmo programa consegue trazer vários matizes teóricos, sem explicitar uma reflexão a partir de uma visão filosófica. Os professores de Filosofia da Educação, em sua maioria, não demonstram uma preocupação teórica que dê seguimento ao seu programa. Parece-nos determinante o caráter eclético da disciplina e uma postura não muito clara das concepções que fazem parte da formação dos educadores no Brasil. Isso induz a uma idéia muito próxima do que se costuma designar por Pós-modernidade, em que num mesmo lugar, cabem várias concepções. Definir uma concepção de Filosofia da Educação, a partir do seu ensino, apresenta dificuldades, dada a amplitude das propostas. Não percebemos, em nossa análise, na maioria dos programas, o seguimento de uma proposta norteadora de ensino de Filosofia da Educação. Por isso, nossa questão fundamental para este trabalho foi a tentativa de encontrar o significado para as ações do trabalho pedagógico. Uma proposta de ensino deve

trazer, no mínimo, a visão que fundamenta os pressupostos teórico-metodológicos a partir de sua visão de homem, de mundo e de sociedade.

Indignado com o papel que vinha desempenhando a Filosofia em sua época, Marx, na XI tese sobre Feuerbach, aponta um novo rumo para a reflexão filosófica: *os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente: trata-se, porém, de modificá-lo.*

Nossa pesquisa em Filosofia da Educação encaminhou-nos para uma conclusão muito próxima daquela indicada por Marx³: o que tem feito a Filosofia da Educação no Brasil, a não ser preencher um espaço no currículo de formação de professores, sem apontar saídas mais concretas para os problemas da educação e sem apontar um debate mais significativo para os problemas da realidade educacional?

Somente compor o currículo de formação de professores não é suficiente para uma Filosofia da Educação. Ela deve apresentar passos melhores definidos quanto ao seu papel e significado diante de um processo educacional tão complexo e contraditório como o do Brasil.

Há, hoje, uma luta que envolve determinados segmentos da sociedade para a implantação obrigatória da disciplina de Filosofia em todo o Brasil. O Congresso Nacional aprovou a lei que foi vetada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso⁴. Daí uma questão: para que Filosofia, conseqüentemente, Filosofia da Educação, no currículo da escola brasileira, principalmente nos cursos de formação de professores, se ainda não estão claros os objetivos desta disciplina?

Entendemos que essa reivindicação em torno da Filosofia deverá vir acompanhada de uma reflexão mais significativa e complexa, fator fundamental para se repensar a prática do ensino, após um debate diante das diversas correntes filosóficas e de professores da área. Para nós, ensinar Filosofia significa levar o aluno a tomar o sentido de sua vida no mundo e pensar sua existência na relação com a existência dos outros. Não há sentido em ensinar a disciplina de Filosofia desvinculada da realidade sócio-histórica do indivíduo, de sua condição enquanto ser histórico e dialeticamente definido.

Por outro lado, vivemos momentos de fortes transições nas políticas educacionais do país. Sentimos que as tendências atuais influenciam a formação dos novos currículos e a Filosofia da Educação

ainda não tem seu espaço garantido e nem mesmo sua inclusão como parte de uma opção de cada curso ou de cada instância.

Daí surgiu nossa preocupação. Os programas levantados em nossa pesquisa apontaram uma desarticulação dessa disciplina que tem objetivos muito diversificados e conteúdos que atendem inúmeros interesses teóricos. Um mesmo programa tem várias concepções, posturas e fundamentos.

Não queremos estabelecer, neste momento, uma conclusão definitiva para nosso trabalho. Pretendemos apenas lançar algumas idéias e reflexões como produto da nossa pesquisa, apontando os caminhos que poderemos abrir e considerando as questões já levantadas no texto.

Na verdade, os programas adotam uma postura conservadora. São sempre idealistas quando colocam a Filosofia da Educação no papel daquela que vai levantar e resolver todos os problemas educacionais.

O que a Filosofia da Educação deve fazer atualmente é desenvolver a idéia de como se estabelece a relação entre Filosofia e Educação ou o que significa na formação dos professores. Aos filósofos da educação cabe perguntar-se qual é o sentido da educação para a filosofia e vice-versa.

Para nós, a Filosofia da Educação deve buscar na realidade o apoio para sua análise sobre a educação e sua relação com a Filosofia. Enfim, a disciplina deve pensar em

todos os aspectos do real. Indagações, questionamentos, análise rigorosa e lógica, são possibilidades do pensamento humano que podem ser exercidas tanto sobre o senso comum, quanto sobre o saber científico em quaisquer dos seus aspectos. Resulta daí que o conhecimento pretendido pelo pensamento filosófico é sempre mais global (SANFELICE, 1986, p. 150).

A educação tem que representar um *desafio* para a Filosofia, pois, na Filosofia da Educação, o objeto de análise é o ensino e não a matéria escolar. Moacir Gadotti indica a necessidade de se buscar novos rumos para esta disciplina, quando propõe:

Colocar-se à escuta, formar-se e informar-se, tomar o pulso da situação da educação. (...) Dar-se em seguida a uma reflexão crítica destinada à problematização desta situação. Por exemplo, o problema da finalidade da educação, da existência de antropologias, de ideologias subjacentes aos sistemas educacionais, às reformas, às inovações, às concepções e doutrinas pedagógicas, à prática da educação etc. (...) (GADOTTI, 1979, p. 10).

Entre outras, “ a idéia do homem como sujeito, apresenta a filosofia da educação como aquela que tem por missão essencial trabalhar pela libertação dos homens (...)” (GADOTTI, 1979,p.10)

Em um outro momento do mesmo trabalho, Gadotti aponta as questões que coincidem com o que levantamos durante nosso trabalho:

Para que serve a educação, em que sentido o homem se educa? Por que e para que o homem precisa educar-se? Isto quer dizer que a primeira preocupação do filósofo, e do educador enquanto filósofo face à educação, é de saber se a educação tem um fundamento, tem raízes (GADOTTI, 1979. p. 17).

Um projeto de Filosofia da Educação deve buscar *as raízes, os pressupostos, aquilo que está subjacente à educação (...)*. interrogar-se sobre *um projeto de homem e sociedade* subjacente nas teorias e na prática, interrogar-se sobre as ideologias ocultas, sobre princípios da sociedade etc.

Pensamos que o professor de Filosofia da Educação deve ser comprometido com as questões do ensino e da disciplina, e não permanecer alheio a elas. Por um lado, encontramos, em nossa pesquisa, um certo distanciamento dos filósofos no trato com a educação; e por outro, há uma evidência das questões educacionais em detrimento da matéria, revelando que alguns professores da área têm um conhecimento muito mais voltado para a didática e para a metodologia do que para a Filosofia.

A reflexão de Vázquez sobre uma educação da práxis revolucionária toma a crítica de Marx ao próprio Iluminismo. A

educação sob o olhar iluminista acha que somente a razão é capaz de colaborar para a transformação da sociedade. Somente os educadores com estes princípios deveriam educar a sociedade. Ao resto da sociedade só cumpre deixar que a consciência seja moldada, a fim de que os homens possam viver – como seres racionais de acordo com sua própria natureza (VÁZQUEZ, 1977, p. 159).

A crítica de Marx, assumida por Vázquez, refere-se à idéia de que o homem é uma matéria passiva que se deixa modelar pelo meio. Ou seja, a tentativa de transformação de uma sociedade por caminhos meramente pedagógicos e não pela prática revolucionária é, no mínimo, conservadora e utopista. Revela uma concepção de pedagogia redentora e salvacionista, que é característica do liberalismo. Essa crítica, podemos assim resumir:

a) não só os homens são produto das circunstâncias, como estas são igualmente produtos seus. Reivindica-se assim o condicionamento do meio pelo homem, e com isso seu papel ativo em relação ao meio. As circunstâncias condicionam, mas na medida em que não existem circunstâncias em si, à margem do homem, elas se encontram, por vez, condicionadas; b) os educadores também devem ser educados. Repele-se assim a concepção característica de uma sociedade dividida em duas partes: em educadores e educandos, com a particularidade de que os primeiros se abstraem do processo de educação. Por conseguinte o sujeito da atividade educativa se encarna numa parte da sociedade – por sinal minoritária -, e o objeto – produto passivo da sociedade – na maioria. Desse modo, a tarefa de transformar a humanidade – concebida como educação da espécie humana – fica nas mãos de educadores que, por sua vez, não transformam a si mesmos, e cuja missão é transformar os demais. Eles são, portanto, os verdadeiros sujeitos da história; os demais seres humanos não passam de matéria passiva que eles devem moldar. Ao afirmar que os educadores também devem ser educados, repele-se a afirmação de que o princípio do desenvolvimento da humanidade se encarna numa parte da sociedade, parte que não exige também sua própria transformação. Tal era a concepção característica da burguesia revolucionária do século XVIII, que se via, a si mesma como o

princípio do desenvolvimento e do condicionamento histórico, ao mesmo tempo em que nega para si esse desenvolvimento e esse condicionamento. Na tarefa da transformação social, os homens não podem dividir-se em ativos e passivos; por isso não se pode aceitar o dualismo de educadores e educandos. A negação desse dualismo – assim como da concepção de um sujeito transformador que fica ele próprio imune à transformação –, implica a idéia de uma práxis incessante, contínua, na qual se transformam tanto o objeto como o sujeito. A transformação da natureza – dirá Marx em outro trabalho – o homem transforma sua própria natureza, num processo de auto-transformação que nunca pode ter fim. Por isso, jamais poderá haver educadores que não necessitem, por sua vez, ser educados; c) as circunstâncias que modificam o homem são, ao mesmo tempo, modificadas por ele: o educador que educa tem que ser ao mesmo tempo educado. É o homem, sem qualquer dúvida, que faz as circunstâncias mudarem e que se muda a si mesmo. Através desse fundamento humano comum, coincide a transformação das circunstâncias e transformação do próprio homem (...) (VÁZQUEZ, 1977, p. 159 - 160).

É importante lembrar que Marx não aceita a educação como uma solução para o homem sem considerar, anteriormente, a mudança das circunstâncias de sua vida, na produção de uma mudança radical. Assim como não acredita num determinismo rigoroso no qual se pensa que basta modificar as circunstâncias ou as condições de vida sem mudanças na consciência, através de um trabalho de educação, para que o homem se transforme. Tais transformações devem fazer parte do resultado de um processo em que, ao pensar a escola, o ensino, o currículo, obrigatoriamente se pense também nas mudanças sociais através da ação política⁵.

Não somos ingênuos em pregar uma Filosofia da Educação fundada numa práxis que vai transformar a sociedade brasileira de maneira rápida; pelo contrário, a própria história da disciplina tem seu papel, suas raízes, seus ideais e mitos fundados em concepções que contradizem este nosso modo de pensar. Por isso, os filósofos da educação precisam pacientes e, ao mesmo tempo, buscar seu espaço e seu papel na educação. Daí nossa concordância com Saviani (1996, p.29):

A Filosofia da Educação só poderá prestar um serviço à formação dos educadores na medida em que contribuir para que os educadores adotem esta postura reflexiva para com a problemática educacional.

As questões que levantamos no percurso deste trabalho, de certa forma, estão implícitas na nossa reflexão. É fundamental discutir a relação entre Educação e Filosofia, o sentido de uma para com a outra. Portanto, é o sentido do filosofar sobre a educação.

Sanfelice parte do argumento gramsciano de que *todos os homens são filósofos* como suporte para pensar o sentido do filosofar. O autor levanta as seguintes idéias:

(...). É sobre o já vivido, já pensado, já 'sabido' e já 'conhecido' que o filosofar faz as primeiras questões, indagações e interrogações. O filosofar não emerge de situações em que os homens inventam problemas para resolver. O filosofar emerge da dúvida, da incerteza e da necessidade. Enquanto no senso comum temos certezas e verdades que nos orientam, que nos dão explicações, a origem do filosofar coloca estas certezas e verdades sob suspeita. Na sua origem, o filosofar é sempre desestabilizador, incomodativo e, de certo modo, gerador de inseguranças (SANFELICE, 1986, p. 148).

Após o processo de elaboração deste trabalho, temos ainda um número significativo de informações que possibilitam a ampliação desta reflexão. O material coletado ainda está por ser analisado, o que dará condições para novas reflexões. O que tentamos, até aqui, foi apontar algumas idéias, a nosso ver, fundamentais sobre o papel da Filosofia da Educação na formação do pedagogo.

Notas

* Este artigo é resultado de trabalho apresentado no VII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste de 13/06/06 a 15/06/06, em Cuiabá/MT (ANPED Região Sudeste).

** Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário do Triângulo – UNITRI. Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP.

¹ Neste trabalho, não trataremos das bibliografias presentes nos programas de Filosofia da Educação levantadas para pesquisa.

² Algumas das citações transcritas dos programas de Filosofia da Educação serão inseridas nos parágrafos desta análise em *itálico*; outras serão colocadas em anexo no final do trabalho.

³ Não se trata da imitação de Marx, mas do uso de seu referencial para análise da educação brasileira.

⁴ Atualmente O MEC do governo brasileiro quer discutir a volta da Filosofia como disciplina obrigatória no Ensino Médio para todo o país.

⁵ As iniciativas de mudanças na Educação brasileira nos últimos anos não consideraram esta dupla face.

Armindo Quillici Neto

Rua Alexandre Ribeiro Guimarães, 719, Apto. 702

Bairro Santa Maria

CEP: 38 408-050 - Uberlândia - MG.

Referências

GADOTTI, M. **Revisão crítica do papel do pedagogo na atual sociedade brasileira**; Introdução à pedagogia do conflito. Educação e Sociedade 1 (1). São Paulo: Cortez/ Cedes, set. 1978.

_____. **Estratégias para uma definição das áreas de formação e atuação do educador**. São Paulo. 1980 (a, mimeo).

_____. **Educação e Poder**; Introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1980b.

_____. **Elementos para uma crítica da questão da especificidade da educação**. Em aberto 3 (22). Brasília: Mec/inep, jul/ago.1984.

_____. e PINO, I.R. **A redefinição do curso de pedagogia**; Idéias Diretrizes. REBEP 63 (144). Brasília: mec-inep, mai/ago.

_____. **Idéias diretrizes para uma filosofia da educação**. Revista Reflexão. 4 (13), Janeiro/abril, 1979.

SANFELICE, José Luis. O ato pedagógico e o ensino da filosofia. In: Nielsen Neto, Henrique (org.). **O ensino de filosofia no segundo grau**. São Paulo: Sofia editora SAFE, 1986.

SAVIANI, Dermeval. **Contribuição a uma definição do curso de pedagogia.** Didata (5). São Paulo: PUC, 1976.

_____. **A filosofia da educação no Brasil e sua veiculação pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Brasília: 65 (150): 273-90, maio/agosto. 1984.

_____. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** São Paulo. Cortez/ Autores Associados, 1996.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Praxis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Abstract: The present work is the result of a research conducted with Philosophy of Education teaching programs in the Pedagogy Courses in São Paulo. One hundred and seventy two programs were catalogued, which corresponded to twelve courses of Pedagogy and one distance learning course in Philosophy of Education. The period of study corresponded to ten years - from 1988 to 1998, which was a period of great historical changes. The text points out the existing contradictions in the inner part of the programs and the incoherences in the relations between the objectives and the subjects.

Keywords: philosophy; education; conceptions.

Recebido em agosto de 2006

Aprovado em outubro de 2006